COMO ELES SE SENTEM? UMA REFLEXÃO SOBRE A IDENTIDADE BRASILEIRA COM ADOLESCENTES ESTUDANTES

Francisco Kaio Dias de Sena [1], José Josberto Montenegro Sousa [2]

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo cerne discutir sobre a identidade brasileira, bem como a sua (des)construção no senso comum, ao longo de sua história, e compreender como esta se apresenta nas mentalidades de estudantes do ensino médio público e, consequentemente, também vislumbrar como estes mesmos discentes adolescentes se compreendem identitariamente. Este labor analítico surge a partir de ponderações realizadas perante atividades vinculadas ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Raciocínios e representações históricos serão, portanto, necessários para a reflexão desta problemática tão cara a este país miscigenado. Contudo, é igualmente necessário mencionar o contexto ímpar que se apresenta à nossa vista, como são os aspectos de uma universidade tão plural e de uma diversidade tão grande, como se faz a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB – e que territorializa junto à uma cidade que, embora com toda uma trajetória histórica de âmbito nacional, e até mesmo internacional, é pequena e isso reage e reflete internamente no município e em toda a região circunvizinha.

Palavras-chave:

Identidade brasileira. estudantes. senso comum.

[1] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, e-mail: kaiodiasdesena@gmail.com
[2] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Instituto de Humanidades, Docente, e-mail: josbertoms@gmail.com

INTRODUÇÃO

Vinculados como bolsistas desta universidade, de política ímpar já mencionada, o quadro destes graduandos constitui-se de estudantes de nacionalidades e de culturas muito diferentes e de lugares tão longínquos que preciso é um Oceano Atlântico para distanciar ambos os territórios. Este grupo compõe-se de alunos de graduação brasileiros e guineenses.

Todavia, a instituição de ensino superior Unilab agrega e politiza com outros mais países lusófonos, além do Brasil e de Guiné-Bissau, como a Angola, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, da África, o Timor Leste, da Ásia, e, além do congênere europeu Portugal.
Por consequência, a razão para o empreendimento deste trabalho reflexivo surge quando em um dia de atividades como bolsista numa escola pública de ensino médio, trabalhando sobre o sistema da escravidão no Ceará – e no Brasil – alguns alunos voltaram-se e perguntaram se aqueles estudantes *não brasileiros* se sentiriam de algum modo tristes, ofendidos, injuriados, insultados ou ultrajados por se estar debatendo sobre histórias de sujeitos que foram violentamente desumanizados e escravizados e que vieram para o Brasil de uma mesma região que eles. Ou seja, estudar sobre sujeitos históricos que foram escravizados por um sistema que tão mal fez "aos seus ancestrais".

Como eles se sentem? Eis a frase, o ponto de partida que vai dar impulso para esse labor reflexivo, na busca em compreender como se entendem estes mesmos alunos adolescentes sujeitos de sua própria história.

Atente-se bem às palavras em itálico "aos seus ancestrais" acima, pois serão elas muito importantes no decorrer deste debate. Elas não estão assim por acaso ou por simples beleza estética para expressão escrita.

METODOLOGIA

Procurando compreender as alusões simbólicas, conscientes e inconscientes, abstratas ou não, pelas quais os estudantes do ensino médio brasileiro – e a sociedade brasileira – se entendem enquanto sentimento histórico de identidade, este trabalho usar-se-á das próprias interpretações e raciocínios que estes mesmos deixam transparecer e fluir em seus discursos, expressões e pensamentos, buscando fazer, ainda com estas, relações históricas e reflexões dedicadas à área de estudo, numa articulação que permita, por sua vez, investigar e problematizar as definições do fenômeno do que seria o brasileiro. É pela busca destes dados absolutamente objetivos e absolutamente históricos (PIMENTA, 2011) que este trabalho se coloca à sensibilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Parece haver, aqui, nesta inflexão e reflexão histórica e lógica, na visão destes discentes adolescentes, um entendimento de ruptura entre um passado e um presente brasileiro. Quer-se dizer, não somente do processo contínuo de temporalidade e da construção da história nacional, mas o antônimo de que os crioulos escravizados foram alguns e os brasileiros outros, e estes mesmos outros são os ancestrais verdadeiros dos brasis contemporâneos. Portanto, observa-se bem que, nem mesmo os crioulos fazem sentido na interpretação lógica daqueles estudantes, pois foram eles trabalhadores de outro território e de uma outra nação. Eles não são nossos ancestrais.

Aliás, uma dialética reflexiva também é possível ser realizada quanto aos "portugueses do Brasil". Veja o caso destes últimos, embora colonos, e igualmente nascidos nesta mesma região, descontínua de um império, entendiam-se como europeus, mas nascidos na América e não como autóctones americanos. Fato, eles assim se identificariam por muito tempo, mesmo no pós– Independência do Brasil.

Contudo, atente-se mais uma vez, os crioulos não podem ainda serem considerados, na visão daqueles alunos, como uma população de compatrícios legítimos, pois foram eles migrantes – esta é a palavra, migrantes – e flagelados pela escravidão. Portanto, não eram daqui do Brasil. E nem os ascendentes de europeus, por que, por vontade própria, não queriam assim sê-los. Eles igualmente deviam retorno ao seu continente, aos seus respectivos países. Mas então, quem ou quais pode(m) ser os brasileiros outros, aqueles que podemos citar e identificá-los como sendo os nossos primeiros? E quanto aos indígenas aborígenes deste território? Serão mesmo Moacyr e Isabel os primogênitos? Contudo, mesmo estes últimos, são frutos, cada qual, de um caso maior entre civilizações díspares: são mamelucos, do mesmo modo que os mulatos e os cafuzos. Ou será o brasileiro um caso de *identidade fracassada?*

O fator é que o nascer local, tanto na interpretação daqueles sujeitos de uma temporalidade de outrora, quanto para as pessoas do tempo presente, não significa ser ou identificar(-se) alguém como nato ou originário daquele mesmo lugar, pois nem os crioulos são aceitos e nem assim se aceitavam os *europeus do Brasil*.

Embora nesse processo contínuo de construção brasileira passaram todos à entenderem-se, com o tempo, como iguais brasileiros por terem nascidos no mesmo país, uns surgem como mais iguais que outros. Será talvez a ânsia de tornar-se também mais iguais aos primeiros que emerge essa fissura ideológica? Ou essa brecha é causa de uma negação e/ou preconceito de cor? Será ainda inculcado o imaginário de que no Ceará não existem negros? É possível compreender a interpretação e o raciocínio lógico daquele alunado como um estigma que ainda identifica os negros como sinônimos de escravos? Poderá ser o medo de igualmente ser negado e não incluído em um grupo o motivo desse afastamento identitário? Ou ainda, essa fisga é resultado de um desconhecimento da história nacional, como consequência de uma má qualidade da rede de ensino no Brasil?

Aliás, é preciso considerar e refletir: O que teria acontecido e/ou para onde foram aqueles mesmos sujeitos, trabalhadores escravizados, no pós-abolição, no 13 de maio de 1888? Será que eles retornaram para os seus países e suas casas na África que na qual haviam sido arrancadas e arrancados pelo instrumento da violência? Entretanto, os nascidos neste Brasil não deixaram vivendas no outro lado do Atlântico. E no que pesa à origem, é preciso pensar um pouco mais e fazer uma ressalva de que mesmo este conceito é um tanto quanto esquizofrênico e mesmo ilusório. Pois veja, enquanto se sai de um lugar e a outro chega e o territorializa, se está em nova origem, já que todos, por todo momento, estão se reidentificando. Ou ainda, eles e seus descendentes fincaram vidas aqui no Brasil?

Essas têm sido algumas das indagações que a Nova História Social busca instigar como preocupação para os estudantes e para os que se interessam pelo assunto.

Contudo, nas representações construídas no senso comum, *muito parece que as pessoas do hoje entendem que aquelas de um passado brasileiro, mesmo não tão distante, se deram por sumidas, que não existem mais. Ou melhor, por capricho imaginário, aparentam nunca terem existidas*.

E mesmo que novas interpretações indiquem ter sido o trabalho de Rui Barbosa, que exerceu o cargo de ministro da Fazenda do Brasil, no governo provisório de Deodoro da Fonseca, entre os anos de 1889 e 1891, após a bancarrota da monarquia de D. Pedro II, uma tentativa política fortuita de querer acabar com os documentos relativos à escravidão com o objetivo de que os antigos senhores não voltassem e reivindicassem compensações financeiras pelas suas perdas de propriedades escravas, o fato é que é preciso considerar igualmente o outro flanco reflexivo que este fenômeno proporciona, que fora a ideia de que junto com a abolição da escravidão deveriam sumir também todos os traços deste sistema horrendo e nefasto da cultura nacional, agora republicana, que o país, a partir deste momento, se esforçaria por criar. Dever-se-iam, com isso, de agora em diante, empreitar-se pela busca de uma nova construção da identidade nacional, um novo desenvolvimento e um *novato* progresso, numa busca quase que desenfreada por um imaginário caprichoso de ideário positivista.

Neste labor, não quer-se negar as múltiplas auto-identificações dos vários grupos ou das milhares de pessoas ou de uma sociedade plural, contudo, por que "nasceu uma nova sociedade plural constituída de mestiços, negros, índios, brancos e asiáticos, cujas combinações em proporções desiguais dão ao Brasil seu colorido atual" (MUNANGA, p. 15, 2009) mas não se aplica a mesma *transculturação* de Fernando Ortiz (MYERS, 2005)? Mesmo que ficcional, não terá sido as digressões de José de Alencar similar a Ortiz? O fato é que no Brasil se preferiu chamar aos diversos grupos de sujeitos negros, históricos de seus respectivos tempos, de afro-brasileiros ou afrodescendentes na tentativa de valorização de um quadro de pessoas que têm histórias desiguais passadas e presentes. Ideia e atitude digna e muito plausível. Entretanto, a questão deste trabalho é refletir sobre o que impede a sociedade de se entenderem como numa unidade totalmente brasileira. Lembre-se, *o que eles sentem?*

Mesmo que Norbert Elias (1994) explique pela individualização, o território e a sociedade do Brasil não teriam força em agir de maneira coercitiva, abstrata e simbolicamente, para conter um caráter unitário e que suplante essa ideologia separacionista e segregacionista?

CONCLUSÕES

Apesar de limitadas as linhas deste trabalho, mas diante das reflexões que traz consigo, neste pequeno artigo é possível aferir três pontos que são âmagos em ponderações, embora dois destes se relacionem e façam referência a um terceiro: o iniciante é o fato de ainda poder existir certamente em suas mentalidades a relação de negro igual a escravizado. Isto, por sua vez, e indiretamente, faz vislumbrar um terceiro cerne, que é a falta de articulação cognoscitiva e reflexiva e histórica de que no Ceará, e no Brasil, existem negros e sobre a possibilidade de estes, e também os demais, serem descendentes daqueles sujeitos históricos violentamente abusados. O último e principal fundamento infere sobre a possibilidade de questionamento da qualidade de ensino da educação brasileira, já que mesmo um raso e simples conhecimento sobre a história do Brasil seria muito plausível, pelo menos para uma maior criticidade por parte daqueles discentes adolescentes sobre a escrita da história.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos aqui dedicados à professora Elisandra da Costa Roque, supervisora, e aos professores supervisores, José Josberto Montenegro Sousa e Roberto Kennedy Gomes Franco, que nos proporcionaram momentos de aprendizagens ímpares, aos amigos bolsistas e graças ao Programa Institucional de Bolsas Iniciação à Docência - PIBID.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. Iracema. São Paulo: Ed. Ática. 32 ed. 1997.

ALENCAR, J. de. O Guarani. São Paulo: Ática, 2003a.

ELIAS, Norbert. A Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais / Mirian Goldenberg. - 8º ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

MYERS, J. Uma "Atlantic History" avant la lettre: Transculturações atlânticas e caribenhas em Fernando Ortiz. Sociologia & Antropologia, v. 5, p. 745-770, 2015.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. - 4. ed. - Belo Horizonte: Autêncitca Editora, 2009.

UNIVESP TV. História do Brasil: Independência João Paulo Pimenta Bloco 1. 15. set. 2011. 15min52s. Disponível em: . Acesso em: 19.ago.2019.